

## **Vô Du e VÓ Rafa: O Jipe**

Uma senhora com um semblante suave, cabelos ligeiramente esbranquiçados, pele morena, olhos grandes e verdes, algumas rugas e marcas do tempo, tratadas com creme e muitos cuidados, com cerca de 70 e poucos anos, moderna para os padrões das vovós, limitações normais da idade, não devagar, mas menos ainda correndo, a Vó Rafa como chamavam os netos e os amigos dos netos.

Um senhor mais serio, cabelos escassos, loiros outrora mas bastante brancos, pelo menos o pouco que restava. Rugas no rosto, marcas do tempo e do trabalho, uma barriguinha saliente, já tinha sido bem maior quando novo, bom companheiro e ainda capaz de brincar com os netos, embora as queixas de dores na coluna vez que outra e as manias de gringo velho. Vô Duuuu!!!, era o chamado mais comum.

De vez em quando, reunião da gurizada toda. Um monte de pia e guria correndo dentro de casa. Bernardo tinha três filhos, Carlos, Eduardo Neto e Rafaela, que nem a vó. Fernanda tinha ou duas criaturas lindas, Angélica e Mariana, a mais nova e a mais tihosa de todos, não para nunca, sempre aprontado. O divertido é que quando brigavam com ela, se emburrava, fazia beijo e o vô ia correndo puxar o saco, agradar a netinha, imagina só no que deu. Tihosa e controladora, a mais nova, mas a mais ativa e esperta de todos os netinhos. O pior, fazia bem parecido com a Vó e ninguém tinha ensinado ela desse jeito, como explicar isso?!

No domingo aquela gritaria só. Os netos mais velhos queriam internet interativa com as projeções holográficas (Vô Du não se achava muito com isso ainda, transmitir a imagem para outro computador em terceira dimensão, demais para a cabeça do velhinho), escutar som, umas musicas barulhentas demais, piores que as sertanejas dos anos 2000 a 2020, barbaridade, passou rápido o tempo.

Vó Rafa quase enlouquecia tentando agradar todos e organizar a bagunça mas não tinha jeito, só dizia, “dexa eles madurar que fica bão, nun dô conta destas crianças agora”. Vô Du só dava risada e dizia, “deixa de ser fresca mulher, essa gurizada só quer folia e correr por ai, ve se pega uma coca media para cada um que eles param um pouco, menos pras pequenas, aquelas precisam de iogurte; tem na geladeira!”.

Como era domingo, depois do almoço, obrigatório nos domingos, Vô e Vó iam dar umas voltas no jipão, um carro fora de estrada do inicio do seculo que o Vô guardava na garagem e não deixava os netos nem chegarem perto, diziam que o filhos mais velho, Seu Be, tinha pego para dar um volta no campo uma vez e bateu em uma arvore, depois disso foi proibido de mexer na reliquia do Vô Du.

Pela estrada iam os dois sacolejando, Vô Du na incrível velocidade de 30, 40 km/h e a VÓ Rafa no lado, falando sem parar que ia organizar um festa para o Clube dos Jipeiros Aposentados, achar alguns jipes escondidos, enfeitar com pneus, fotos antigas que tinha guardado e fazer perto de algum lugar com lama, onde a policia autorizasse estacionar os carros perto, tinha que cuidar para não poluir a agua. Tinha que pensar também em levar algum médico geriatra junto, tinha muito velhinho envolvido, sem falar que tinham achado um sujeito que ainda produzia cerveja como antigamente, dava para garantir umas duas latinhas por pessoa.

Os dois se divertiam, tinham ficado muito parecidos com o correr dos anos, as manias do gringo velho, as festas divertidas da morena, os filhos e netos e sobrinhos netos e todo um monte de amigos por ai, no mundo, fora aqueles que já tinham ido e a cada vez, Vô Du se despedia do

parceiro que tinha partido e dizia “vai companheiro velho, quando eu chegar por lá deixa um jipe pronto porque a estrada pode ser ruim mas não se afroxemo por qualquer coisa, como tinha no jipe do Doutorzão - On Co Vô Ce Num Vai - então vamos em frente”.

E por ai a vida andava, com alegrias, com tristezas do caminho, mas caminhando, correndo e quando podia, quase em velocidade com o jipe velho e a companheirada toda que se reuniam para contar historias, de como passavam nos rios, atolavam no barro e nos banhados, tomavam um monte de cerveja e ainda davam risadas faceiros, os netos achavam que era tudo mentira onde já se viu entrar em rio com carro, ainda mais aqueles troços velhos que derramavam óleo. Mas era assim mesmo, a vida passou, os dois sentam para lembrar, para rir e mais historias para os netos, inventando, aumentando, outras vezes até eles mesmo sem entender como tinha feito certas coisas. Eta vida boa. Como dizia a musica velha, “ **O que se leva da vida, é a vida que se leva**”

